

# O regresso do duende de ouro

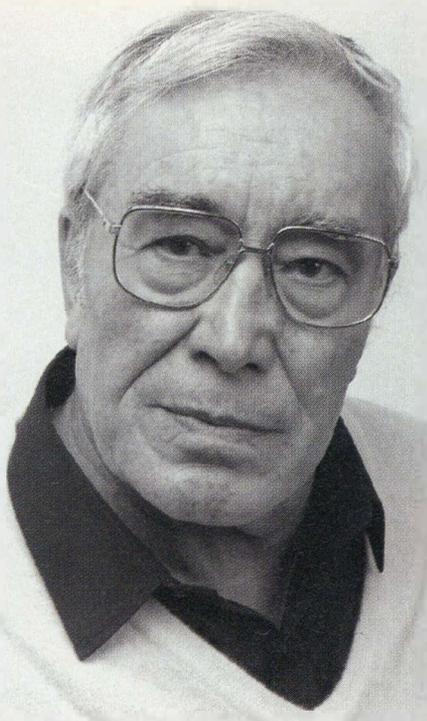
A meio da noite a porteira do professor Cavaco estremunhou e quando acendeu a luz viu o engenheiro Todo-Péssimo a estrebuchar na lâmpada do candeeiro da mesa-de-cabeceira. Espavorida, fugiu para a cozinha, descalça e em camisa de dormir, mas assim que ligou o computador, zás: o Todo-Péssimo outra vez, a espernear a 75 velas dentro da lâmpada Philips pendurada do tecto. Embruxada, entontecida, fechou-se às escuras na retrete e ficou a rezar o terço até ao romper do dia. De manhã, quando o professor se preparava para partir para as suas funções, travou-o à porta da rua e contou-lhe o sucedido. “Tem a certeza?”, perguntou-lhe o ilustríssimo. “Absoluta”, respondeu-lhe a porteira, “ora venha ver, senhor professor” — e com isto levou-o até ao quarto para lhe mostrar o Todo-Péssimo dentro da lâmpada do candeeiro. “Estúpido”, murmurou o professor abanando a cabeça. “E eu que me fartei de o avisar para não tomar banho nas comportas.” As aparições do engenheiro Todo-Péssimo multiplicavam-se de bairro para bairro. Impediam a leitura dos livros de cabeceira, encandeavam as varejeiras mais merdosas provocando zumbidos de insónia, transformavam-se num “voyeurisme” descarado que paralisava os amantes de espelho e de luz acesa. Mas pior, era lançarem o pânico na vida pública porque, depois de se ter apagado da Telecom a seguir às eleições, o engenheiro (que dominara o país com o teleterrorismo dos recibos fantasmas e a protecção do professor), aparecia

outra vez ligado à corrente para tirar o sono aos cidadãos. Chã, por esta é que ninguém esperava. Mistérios acrescentam mistérios, a carga eléctrica começou a acusar anomalias indescritíveis, provocadas pela intromissão na corrente do fantasma Todo-Péssimo, havia quem protestasse contra algumas intromissões mentirosas que ocorriam nas conversações por telemóvel e dizia-se que, depois do banho do engenheiro, certas barragens à noitinha irradiavam uma poalha eléctrica que já dizimara centenas de aves aquáticas. Entre as vítimas do

terrorismo Todo-Péssimo (que tanto contribuiu para a Democracia do Sucesso do professor, como se sabe) contava-se Dona Natividade, viúva de capitão GNR e minha segunda prima, que, sem relações no estrangeiro nem conhecimentos de línguas, pagou num só mês para cima de uma batelada de chamadas internacionais e acabou, coitadinha, num lar de idosos com telefone à moeda. Mas ali, Recolhimento de Santa Genoveva, ao Bairro das Galinheiras, as coisas também não iam lá muito bem porque começaram a aparecer Todos-Péssimos nos candeeiros das velhinhas e a proprietária da capoeira, com medo de que elas desfalecessem ou que os recibos da

electricidade desatassem a aumentar, decidiu iluminar tudo a velas de estearina, o que dava ao ambiente uma melancolia de mortandade. E um dia, já não sei porquê, o ministro da Administração Interna daquele tempo foi às Galinheiras fazer uma inspecção aos polícias ou coisa assim. Olhou, mediu, interrogou e, de caminho, deu-lhe para ir visitar as velhinhas numa demonstração de generosa sensibilidade. Entrou por ali dentro com toda a comitiva e Dona Natividade, na sua condição de viúva de um GNR, encheu-se de coragem e solicitou-lhe um minuto de atenção. Disse que o seu falecido tinha sido capitão da Guarda, coisa que o ministro apreciou condignamente com um aceno de cabeça, e ia a começar a expor o assunto do engenheiro enlampadado quando passou o general da Polícia. O ministro aprumou-se com tal prontidão que ela quase se pôs em sentido. Esta

consideração do homem do Governo pelo militar de altas estrelas comoveu-a profundamente, como viúva que era dum brioso homem de armas. “Diga, diga”, encorajou-a simpaticamente o ministro logo que o polícia-general desapareceu do horizonte. Bem, recomeçou ela, a invasão do Todo-Péssimo era um flagelo para as idosas, coitadinhas, que, iluminadas a velas, já se sentiam em câmara ardente. Pedia providências ao Governo, uma atençãozinha se possível, mas nesse momento tornou a passar o general, o Governo pôs-se em sentido e a Dona Natividade perdeu a voz, comovida com a luminosidade castrense. De qualquer maneira, a partir dali o duende Todo-Péssimo deixou de dar sinal. Mas dizem que isso se deve ao professor Cavaco, que é ele que o quer em sossego até ver. ●



José Cardoso Pires

**E um dia o ministro da Administração Interna daquele tempo foi às Galinheiras fazer uma inspecção aos polícias ou coisa assim**